



REVISTA

# GENTE de Valor

Volume 1





## Apresentação

Esta publicação é resultado de um treinamento sobre capitalização de experiências bem-sucedidas, de grande impacto em desenvolvimento rural, realizadas nos projetos desenvolvidos em parceria com o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Técnicos do Pró-Semiárido, projeto executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), participaram de um projeto, em Maputo, Moçambique, e sistematizaram ações do Projeto Gente de Valor, resultado do acordo de empréstimo desenvolvido, de 2007 a 2012, com o Governo da Bahia.

Desenvolver as habilidades necessárias, entre os representantes dos projetos, para iniciar um processo de capitalização que os auxiliasse a descrever e analisar o seu trabalho, extrair lições e compartilhá-las com os outros, além de ajudar a criar as condições para uma abordagem de sistematizações de experiências, foram os objetivos da capacitação que deu origem aos artigos aqui presentes. A proposta trouxe a metodologia de um processo sistemático, interativo e participativo. As experiências foram registradas, descritas, com o foco na análise de cada uma delas, resultando na produção de conhecimento a ser compartilhado, com o objetivo de gerar mudanças efetivas em outros projetos similares.

Participaram do treinamento os técnicos Carlos Henrique Ramos, Elizabeth Siqueira, Samuel Lyra e Egnaldo Xavier. O Projeto Gente de Valor atuou em comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e fundos e fechos de pasto, investindo nas cadeias produtivas do mel, mandioca, umbu, ouricuri e artesanato.

Sua área de abrangência compreende 34 municípios da região semiárida, todos com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), sendo 26 municípios na Região Nordeste e oito na Região Sudoeste do Estado da Bahia. Teve como legado investimentos em Infraestrutura Hídrica para o Consumo Humano e Produção, com destaque para a universalização do acesso à água de consumo humano, em domicílios rurais, nos municípios de Aracatu e Macururé.

Prestou assistência técnica contínua e especializada, por meio de Organizações Não Governamentais Regionais, e obteve expressiva atuação nas áreas de Gênero e Juventude, com 4.100 participações em Encontros de Mulheres e 104 Jovens Agentes Comunitários contratados e treinados. Foram capacitadas 111 associações em elaboração de projetos e captação de recursos, e implantados 4.893 quintais produtivos para a melhoria da segurança alimentar das famílias beneficiadas.





*Spondias tuberosa* L., popularmente conhecido como umbuzeiro.

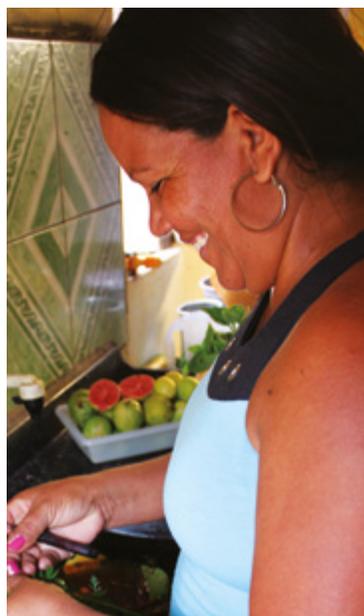


06

### Participar é poder

*A estratégia de inserção do enfoque de gênero do Projeto Gente de Valor*

*por Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira*



14

### Quintais agroecológicos conquistam o Semiárido brasileiro

*Segurança alimentar e renda para os mais vulneráveis*

*por Carlos Henrique de Souza Ramos*



22

### Quem diria?

*O umbu transformando vidas no Semiárido baiano*

*por Egnaldo Gomes Xavier*



30

### Personagens de valor

*Jovens Agentes de Desenvolvimento rompem com práticas antigas*

*por Samuel Lyra e Carla Silva Pereira*



# Participar é poder

*A estratégia de inserção do enfoque de gênero do Projeto Gente de Valor*

por Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira  
(Beth Siqueira)

*A autonomia política e social das mulheres passa, necessariamente, pela autonomia econômica. Fundamental é que a instituição executora institucionalize e implemente medidas de equidade de gênero nas práticas cotidianas com o acompanhamento e o monitoramento quase que diário das atividades da equipe técnica e da resposta dos beneficiários.*

A relevância dessa intervenção é o seu aspecto inovador, ao operacionalizar a igualdade de oportunidades de gênero na estrutura de uma empresa pública. As estratégias de incorporação utilizadas visavam garantir a participação e a inserção das mulheres e jovens (homens e mulheres) na organização do projeto e, portanto, em todas as ações dos Componentes de Desenvolvimento Social e de Desenvolvimento Produtivo. A segunda estratégia foi a transversalidade do enfoque de gênero. O objetivo do Projeto Gente de Valor foi reduzir significativamente os níveis de pobreza e de pobreza extrema das comunidades rurais da região semiárida do Estado da Bahia. Superar a pobreza, melhorando as condições sociais e econômicas das comunidades rurais pobres – posto serem mulheres e crianças as mais vulneráveis –, por meio da inclusão das mulheres no desenvolvimento social e econômico, ambientalmente sustentável, com equidade de gênero.

O projeto enfrentou as desigualdades sociais entre homens e mulheres, entre as próprias mulheres e as desigualdades de raça e etnia, entre as mesmas ou diferentes. Como? Possibilitando o acesso das mulheres a processos de formação e a espaços de produção, antes a elas negados.



## Tecendo o caminho percorrido

Este artigo apresenta a estratégia de inserção do enfoque de gênero do Projeto Gente de Valor (PGV) e da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), à época vinculada à Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional (SEDIR), do Governo do Estado da Bahia.

Único projeto da CAR aplicando estratégias de intervenção com a perspectiva de gênero, o Gente de Valor começou em 2007 e foi concluído em 2012. Foi um projeto do Governo do Estado da Bahia, em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), que abrangeu 34 municípios da região semiárida, todos com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Em maio de 2008, criamos cotas de participação na estrutura de execução: 50% de mulheres, 50% de homens e 30% de jovens (homens e mulheres), em todas as ações produtivas e organizativas promovidas pelo Gente de Valor. Conforme esperado, conseguimos a presença das mulheres agricultoras em quase todas as atividades realizadas pelo projeto. Inesperado foi essa participação superar 50% do total de inscritos, quebrando a invisibilidade das mulheres camponesas

nas atividades produtivas. Por quê? Além de garantir a inclusão das mulheres por meio das cotas, o projeto incorporou a discussão das relações sociais de gênero em todas as atividades produtivas e organizativas desenvolvidas nas comunidades. Acolheu as mulheres, possibilitou a sua participação efetiva e valorizou a sua presença.

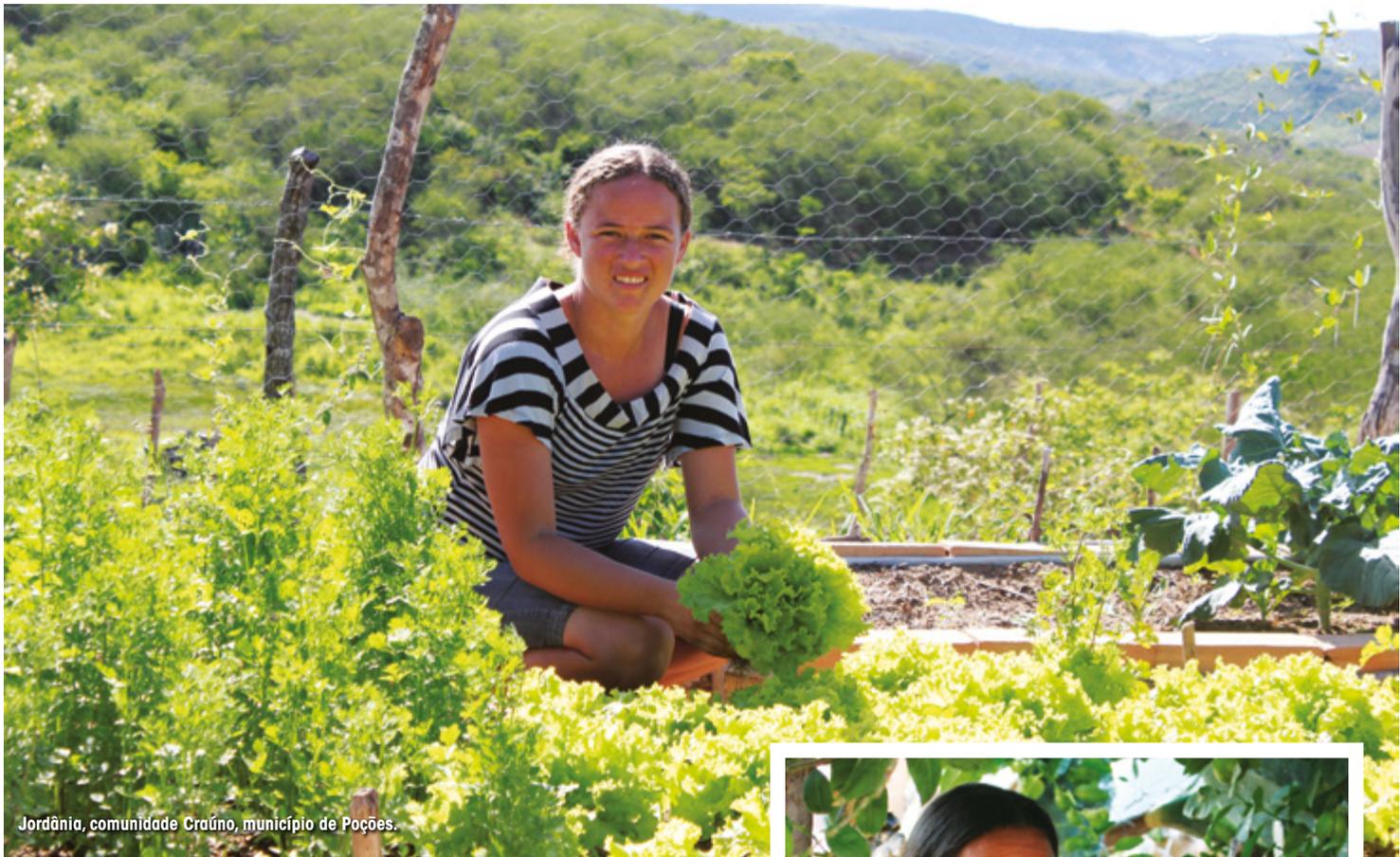
**No projeto, a gente vinha colocando a questão da valorização da mulher. Para a mulher não apenas ser vista como a dona de casa e a mãe de seus filhos, mas ter também um papel social. Então, eu acho que é isso aí: eles chegaram com o projeto e começaram a nos valorizar. As mulheres se sentiam menosprezadas, às vezes, ficavam até receosas de dar as suas opiniões em um ambiente em que a maioria era composta por homens e apenas eles debatiam. E com a valorização, a gente percebe que o nosso papel não é esse de ficar só observando, mas também de agir.**

Em 2010, foi elaborado o Plano de Ação em Gênero do Projeto Gente de Valor, a partir dos Planos Operativos das equipes técnicas dos escritórios locais, visando operacionalizar a perspectiva de gênero. Para oportunizar e assegurar a participação das jovens técnicas agrícolas no projeto, propusemos a contratação de 50% de mulheres na equipe técnica. O efeito positivo da criação das cotas foi possibilitar um maior envolvimento e maior participação das mulheres nas atividades da comunidade, considerada, por vezes, superior à masculina. A criação das cotas e a sua incorporação à estrutura interna do projeto levaram as entidades parceiras, executoras das ações nas comunidades rurais, a contratarem técnicas em seu quadro de profissionais.

Entretanto houve resistência por parte de alguns coordenadores de entidades executoras. Dificultaram a contratação da equipe técnica feminina, alegando a indisponibilidade de mulheres profissionais na região.



Capacitação específica para mulheres, em cisternas de produção, no município de Mirante.



Todos os dias, as técnicas agrícolas tinham que provar o seu conhecimento técnico, nas comunidades por elas acompanhadas. E, principalmente, provar para a entidade contratante a sua capacidade de executar as atividades com o melhor desempenho possível.

Assim, quando, ao final do projeto, as entidades parceiras reconheceram a importância da incorporação das cotas para a contratação das técnicas agrícolas, foi para nós uma grande surpresa. Isto porque as técnicas cumpriram o planejamento das atividades com maior efetividade, elaboraram os relatórios com mais detalhes, sugerindo compromisso profundo com as realizações do projeto. Para além: construíram uma relação de respeito e confiança com as famílias por elas acompanhadas.

Vanúzia Cristina de Jesus Silva, comunidade Espírito Santo, município de Manoel Vitorino.



O projeto criou duas ações específicas com mulheres agricultoras. Uma: a realização de cem encontros exclusivamente para elas, dos quais participaram mais de 4.000 mulheres, entre 2010 e 2012. Durante esses eventos, aumentaram o domínio sobre os conteúdos e as suas possíveis contribuições para o desenvolvimento rural.



Agente de Desenvolvimento Social (ADS) Eziana Cardoso da Paixão, comunidade Jabuti, município de Poções.

**Mudou 100%. Porque, antes do projeto, se formassem uma reunião aqui, só iriam os homens. As mulheres diziam: 'Ah, não vou não, porque você já vai, não precisa eu ir, para quê nós dois? Eu fico fazendo o serviço de casa e você vai'. Às vezes, o pai ia, outra hora o filho ia e a mulher ficava em casa. Hoje não, a mulher quer participar de reunião, palestra, curso, porque ela está interessada em fazer parte daquele processo. Teve aquele encontro das mulheres aqui. Só foram as mulheres, homens não, só eram as mulheres. Aquilo foi uma coisa muito importante para nós, é por isso que incentivou muito as mulheres na comunidade. Porque antes não tinha esse negócio.**

A outra ação específica foi a "Ciranda das Crianças", uma ação afirmativa para oportunizar a participação integral das mulheres, ao lado dos homens, despreocupadas com o cuidado de seus filhos e filhas. Dessa forma, toda a família foi envolvida na proposta de superar as desigualdades de gênero. Na ciranda, temas das discussões e atividades das quais os pais participaram eram traduzidos, de forma lúdica e pedagógica, para as crianças, no intuito de que as futuras gerações superem dificuldades. Ainda, a operacionalização das cirandas enfrentou desafios, como a falta de orçamento para a capacitação de "cirandeiras (os)", já que essa ação não tinha sido pensada no desenho inicial do projeto.

### Compreendendo o impensável

A presença das mulheres nas diversas capacitações (cursos de quintais, horticultura, apicultura, associativismo e outros) e a sua participação em grupos de interesses produtivos e/ou organizativos levaram-nas à apropriação de conhecimentos diversos. Além dis-

so, aumentou-lhes a consciência de sua capacidade de influenciar pessoas e de tomar decisões sobre o empreendimento, a administração das associações e sobre a sua própria vida. Consequentemente, construíram-se instrumentos individuais para melhorar a gestão de suas atividades produtivas e econômicas. As cotas foram uma medida importante para a inclusão das mulheres, por sua obrigatoriedade.

Essa estratégia de cotas 50:50, imposta pela direção, “obrigou” as equipes técnicas a incorporarem o enfoque de gênero na elaboração de todas as ações do projeto. Antes das cotas, essa medida seria impensável. Houve dificuldades. Coordenação, técnicos e técnicas custaram a entender a importância e a necessidade de adotar o enfoque de gênero. Sobretudo dada a existência de arraigadas relações hierárquicas de gênero, transformadas em práticas sociais de desigualdades entre homens e mulheres, dentro da própria estrutura do projeto, retrato da sociedade.

Constatamos que atividades de desenvolvimento local continuam, como tradicionalmente, sendo de domínio masculino – a exemplo da apicultura e ovinocaprinocultura. Não passaram a contar com a participação de mulheres. No entanto, quando as mulheres estão diretamente envolvidas nessas atividades, não há visibilidade ou atribuição de importância. A inclusão das mulheres e de suas organizações aconteceu, sobretudo, através da participação equitativa nas atividades produtivas de menor valor econômico e sem o reconhecimento político. Ou seja, “coisas de mulher”.

Como acontece com os quintais produtivos, voltados quase que exclusivamente para a segurança alimentar da família. Mesmo assim, tão logo os maridos direcionam a produção dos quintais para o mercado local, estes passam a ser vistos como atividades promissoras. Artesanato é outro exemplo de “coisa de

mulher”, visto antes como lazer. Até que o crochê e a pintura em tecido começaram a aumentar a renda da mulher e de sua família.

A participação intensa das mulheres contribuiu para o empoderamento pessoal e coletivo de várias delas. Com isso, vieram a responsabilidade e o compromisso com o grupo e a comunidade, assim como com o aumento de capacidades, adquiridas ao longo dos anos. Somente a partir daí, essas mulheres passaram a entrar nas associações de agricultores/as e a assumir cargos nas organizações locais. As mulheres participaram da maioria dos cursos promovidos pelo Gente de Valor, entre esses, os cursos de associativismo e gestão de convênio. Observamos que, entre as 104 associações conveniadas com o projeto, no período de 2009 a 2012, 89 mulheres assumiram cargos diretivos.

Ainda assim, houve mulheres que não participaram ou tiveram dificuldades para participar das atividades do projeto. Fiéis ao papel para o qual foram treinadas desde cedo, ajudando as suas mães com os irmãos menores, optaram por cuidar das crianças e de todos os afazeres domésticos. Já que na zona rural é muito difícil ter creche, a alternativa foi a realização das “Cirandas das Crianças”. A presença de uma pessoa da comunidade no papel de “cuidadora” das crianças

deu a oportunidade de participação às mães, de forma integral, nos encontros de mulheres.

### Amarrando as pontas

O segredo da estratégia da transversalidade de gênero no Projeto Gente de Valor foi incorporar sistematicamente a temática nas atividades produtivas, organizativas, políticas, culturais e ambientais. Isso permitiu construir um olhar novo, fundamental para as relações humanas como estratégia para o desenvolvimento rural, ao impedir que o enfoque de gênero ficasse invisível ou ausente.

**Foi dado o curso de Informática, teve também curso de manejo alimentar, curso de apicultura; são alguns, são vários. A gente não se lembra de tudo agora. Aprendemos sobre o aproveitamento da mandioca também; foi bem detalhado esse assunto aí. Então, foi muito proveitoso fazer parte desse projeto. E eu acho que as pessoas, umas 26 que participaram, têm certo conhecimento agora, depois desses intercâmbios que a gente teve, e espero que tenha muita coisa gravada na cabeça de muitos.**



Maria Souza Urcino Castro, comunidade Espírito Santo, município de Manoel Vitorino.



Grupo do Fiapo tecendo redes, no Artesanato do BRAR, município de Ribeira do Amparo.

O desafio foi assegurar o acesso às vagas de 50% de mulheres técnicas agrícolas, abrindo fendas em áreas de quase total domínio masculino. Para isso, foi e é preciso sensibilizar e monitorar equipes técnicas em questões de gênero. A realização de encontros específicos para mulheres foi uma estratégia necessária e uma metodologia acertada. Porém não se podia e não se pode esperar que um encontro seja suficiente para desencadear mudanças efetivas. Isto seria ignorar as raízes profundas da cultura local e a estrutura dominante patriarcal, ainda tão presente no meio rural.

Desencadeamos somente processos de longo termo para a formação e o empoderamento pessoal e coletivo das mulheres. A inclusão das mulheres

em empreendimentos produtivos ou nas associações foi eficiente e mostrou a sua eficácia ao possibilitar a elas a diversificação de atividades, dos ambientes de trabalho e convívio, para além dos afazeres usuais.

O empoderamento muda as relações de poder, em favor daquelas que anteriormente tinham pouca autoridade. Redefinir as normas e as regras de gênero na família não é fácil, pois gera conflitos e tensões. Porém já se percebem sinais de mudanças. Muitas superaram o medo e falaram para os maridos que iriam participar de um encontro, de uma feira. Ou quando saíam e viajavam sozinhas ou quando vendiam os doces que produziram e decidiam o que fazer com o dinheiro.



### Prosa para pensar e passar adiante

A autonomia política e social das mulheres passa, necessariamente, pela autonomia econômica. Recomendamos, portanto, que se destine uma parcela específica dos recursos dos projetos, apoiados pelo FIDA, para investimentos gerenciados pelas e para as mulheres, a exemplo de fundos rotativos específicos. Também recomendamos a alocação de recursos específicos para as ações em gênero nos orçamentos dos projetos do FIDA. E mais: dados os avanços alcançados na equidade de gênero, julgamos desejável a replicabilidade das estratégias metodológicas utilizadas. Além disso, os resultados alcançados devem ser compartilhados, pois são fontes inspiradoras para outros grupos ou institui-

ções com projetos similares, mesmo em contextos diferentes. Acima de tudo, para que a inclusão das mulheres aconteça, alertamos ser fundamental que a instituição executora institucionalize e implemente medidas de equidade de gênero nas práticas cotidianas com o acompanhamento e o monitoramento quase que diário das atividades da equipe técnica.

#### Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira

Engenheira agrônoma (UFRPE), com mestrado interdisciplinar em Gênero, Mulher e Feminismo (UFBA). Especialista em Associativismo (UFRPE). Assessora de Gênero do Projeto Pró-Semiário SDR/CAR.

Contato: [elizabethsiqueira@car.ba.gov.br](mailto:elizabethsiqueira@car.ba.gov.br)

# Quintais agroecológicos conquistam o Semiárido brasileiro

*Segurança alimentar e renda para os mais vulneráveis*

por Carlos Henrique de Souza Ramos

*Quintais representam espaços engendrados na memória das famílias como locais de acolhimento, alegria, prosa, reunião da família, solidariedade na troca de material genético entre vizinhos, de contato com a natureza e de descanso.*

A relevância da experiência com os quintais agroecológicos reside em ser uma conquista, face ao desafio de produzir hortaliças, frutas e ervas medicinais em um ambiente semiárido. A intervenção combinou o uso de estruturas hídras de captação de água pluvial com a participação das mulheres e dos jovens, que se tornaram protagonistas do processo e do sucesso, gerando renda e contribuindo com a segurança alimentar e nutricional das famílias. A iniciativa – um dos elementos do Projeto Gente de Valor – enfatizou um enfoque agroecológico e de convivência com o Semiárido, ampliando a construção do conhecimento de ambos, notadamente para projetos de superação da pobreza, em comunidades rurais.

## O enredo e os protagonistas do sucesso

O projeto – com período de execução compreendido entre 2007 e 2012 – foi executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), com recursos do Governo do Estado da Bahia e do Fundo



Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Cinco anos mais tarde, em junho de 2017, foram visitados alguns quintais agroecológicos, uma amostra dos grupos de interesse formados por famílias integrantes do Projeto Gente de Valor na Bahia, residentes nos municípios de Poções, Mirante e Chorrochó, nas comunidades de Craúno, Barra do Engano e Poço Doce, respectivamente.

A visita fez parte da coleta de informações para a Oficina de Capitalização de Experiências, realizada em Maputo, Moçambique, em maio e julho desse mesmo ano. Juntos, repassamos todo o processo que será mencionado a seguir.

Para o deslanche do projeto, as ações de transformação dos sistemas produtivos foram expressão de estratégias fundamentais, a saber: (i) ensaios agroecológicos, atividades de experimentação de práticas de produção e conservação ambiental coerentes com o ecossistema local, (ii) quintais agroecológicos, que consistiam em apoio material e assistência técnica para a criação de pequenas hortas, voltadas para a produção de ervas, frutas, verduras e outros alimentos, tanto para melhorar a cesta de alimentação das famílias quanto para a possibilidade de comercialização dos excedentes, (iii) investimentos na organização de

“cadeias produtivas” selecionadas como potenciais e, por fim, (iv) infraestruturas hídricas para o armazenamento de água das chuvas, de forma a permitir o abastecimento durante o longo período de estiagem.

### Revitalizando quintais

A primeira linha de ação da experiência foi a implantação da estrutura física, composta por quatro cisternas de produção com capacidade de armazenar, em cada uma, até 5 m<sup>3</sup> de água pluvial. Simultaneamente, foi construído um viveiro totalmente telado e, no seu interior, foram implantados três canteiros econômicos. Uma lona plástica, ao fundo, evita a percolação da água e sobre ela é colocado o substrato. Entre o substrato e a lona são colocados tubos de PVC de uma polegada e com furos em toda a sua extensão, onde o agricultor despeja a água para a irrigação subterrânea dos canteiros.

A segunda linha de intervenção foi o processo produtivo de hortaliças, seguindo conceitos agroecológicos: produção local de insumos, armazenamento e recolhimento de esterco, confecção de compostagem e, em alguns casos, a produção do húmus de minhoca. Considerou-se também a utilização do princípio do companheirismo de plantas<sup>1</sup>. Complementarmente, foram viabilizadas outras escolhas como a preparação de soluções à base de folhas, frutos e sementes de plantas que contenham princípios ativos repelentes ou prejudiciais a insetos que possam causar danos econômicos. Por sua



Manejo da água coletada das cisternas.

<sup>1</sup> Esse consórcio, com suas interações alelopáticas, constitui alternativa ao uso de herbicidas, inseticidas e nematicidas, mediante a ação de substâncias provenientes do metabolismo secundário das culturas.

vez, a irrigação se deu mediante a retirada da água acumulada nas cisternas com o uso de baldes e aplicada aos canteiros com o uso de regador. A utilização de cobertura inerte e do telado do viveiro contribuem para reduzir o consumo de água por evaporação.

*A ideia é regar a superfície apenas nos primeiros dias e que, posteriormente, a água seja apenas colocada nos tubos para uma irrigação subterrânea. A visualização da umidade no substrato determinará a necessidade de rega.*

A terceira linha de ação constituiu o consumo e a comercialização dos excedentes nas feiras livres ou diretamente nas comunidades. O Projeto Gente de Valor financiou barracas padronizadas e desmontáveis, bem como utensílios necessários para a comercialização. Vale salientar que cada família foi preparada para fazer o planejamento da produção, adequando o espaço dos canteiros para satisfazer a demanda, controlando a época de semeadura, de forma a evitar sazonalidades.

Todo o processo obedeceu a um rito metodológico, adaptado da obra de Paulo Freire, no qual foram realizadas oficinas com os grupos de interesse decodificando o tema gerador da intervenção<sup>2</sup>. Com isso, as comunidades puderam desenvolver consciência crítica sobre segurança alimentar, geração de renda, relações de gênero, produção com princípios agroecológicos e meio ambiente. Ocorreram capacitações modulares, preparatórias para cada linha de ação especificada acima.

### **Atuando nesse palco permeado de vulnerabilidades**

O Semiárido nordestino, onde estão inseridas as comunidades que participaram desse projeto, é uma das regiões mais vulneráveis à variabilidade atual e à mu-



Vista geral do quintal agroecológico.

dança futura do clima no país. As atividades agrícolas estão fortemente limitadas por padrões de precipitação insuficientes e pouco confiáveis, concentradas em poucos meses e com níveis de evapotranspiração elevados. Outro agravante é o índice de desnutrição de crianças menores de cinco anos, acompanhadas pelas condicionalidades de saúde. Os municípios em questão estão, portanto, classificados como em estado de vulnerabilidade, no que tange à segurança alimentar e nutricional, particularmente na zona rural.

Nesse contexto permeado de vulnerabilidades, estudos preliminares constataram a carência de preparo para a convivência com o Semiárido, onde o estoque de água na propriedade é fundamental para uma produção de alimentos que satisfaçam às exigências nutricionais das famílias. A intervenção do projeto se deu, portanto, na utilização desse espaço, existente ao redor do domicílio rural, chamado quintal, por constituir-se em um agroecossistema complexo, que poderia vir a ter uma produção diversificada de frutas e alimentos, capaz de complementar, de forma significativa, a dieta alimentar das famílias. A agrobio-

<sup>2</sup> Paulo Freire (1921-1997) publicou, em 1967, "Educação como Prática da Liberdade", base para teoria e práticas pedagógicas, no qual a alfabetização é usada como instrumento de conscientização da situação do indivíduo. A codificação representa uma maneira de viver dos agricultores (situação existencial), sem consciência da sua existência ou do significado contextual da mesma. A decodificação, por outro lado, consiste no conhecimento que lhes possibilita identificar a sua não consciência ou a consciência que tinham anteriormente. Os agricultores passam a se reconhecer como seres transformadores do mundo, importantes na sociedade em que vivem e desenvolvem uma visão crítica sobre ela.



Produção de hortaliças no quintal.



Produção de frutíferas.

diversidade medida e observada nos quintais, após a intervenção, chegou a 43 espécies cultivadas. Essa diversidade possibilitou a segurança alimentar e o ganho econômico dos agricultores, além de ajudar no equilíbrio do agroecossistema como um todo. Sob uma ótica ecológica, a experiência causa impactos negativos mínimos aos ecossistemas, além de interagir com a preservação das raízes endógenas nos processos de modernização dos sistemas agrícolas. Do ponto de vista social, os quintais contribuíram para o aumento e a distribuição de bens e renda, que podem ajudar na redução de desigualdades sociais. Constatamos que as atividades permanecem, apesar do projeto ter sido encerrado há cinco anos.

Entretanto vale salientar que as famílias deveriam ter priorizado mais as interações alelopáticas entre plantas, deixando as ações curativas, utilizando soluções repelentes e inseticidas naturais, apenas para casos extremos de desequilíbrio do subsistema.

O consumo de água mostrou alta eficiência, importante item em uma região onde a escassez de água representa o principal obstáculo para a produção agrícola. Estocar é preciso. Aqui, as cisternas representam uma marcante tecnologia social, em que pese que 20 m<sup>3</sup> estocados satisfizeram as necessidades de consumo e irrigação por um período de 6 a 8 meses

“

**Eu cresci o quintal mais um pouquinho, tem feijão, que eu já estou pegando para comer, tem melancia, tem abobreira, tem jerimum. Já plantei até uns pés de árvore que já estão aqui assim! Está bom...**

”

Gerônimo, Chorrochó-BA

no ano. Apesar do sistema de irrigação proposto pela intervenção ser de fácil manejo, a gestão da água estocada ocorreu de forma diferente, entre as famílias. A média gasta girou entre 61 e 90 litros de água por dia, enquanto 30l/dia seriam suficientes.

O desperdício decorre da crença de que a água, disponibilizada apenas na forma subterrânea, através dos tubos, não é aproveitada plenamente pelas plantas, resultando em rega superficial adicional.

“

**O meu canteiro que eu plantei eu molhava assim... só no cano [...] eu molhava hoje, passava hoje, amanhã, depois é que eu ia molhar. A raiz do meu coentro era grande.**

Vilanir, Chorrochó-BA

”

A eficiência da experiência a revelou como de custo de produção extremamente baixo, praticamente só a mão de obra. As famílias obtiveram uma receita que representa 30% dos ganhos totais, considerando-se que dois terços são obtidos nas vendas dos produtos e um terço é consumido na dieta familiar, sem contar que o projeto proporcionou novos tipos de alimentos na dieta e ofertou alimentos saudáveis aos consumidores.

Quanto à inclusividade, a experiência dos quintais agroecológicos alterou as relações de gênero nas famílias, nas quais, historicamente, o trabalho da mulher não tem visibilidade. Tendo o seu trabalho considerado como “ajuda”, ela vive em uma relação subalterna



Agricultoras da feira livre do subterritório rural ABB, município de Mirante.

ou de coadjuvante. Apesar de o quintal envolver todos os membros da família, as mulheres assumem nele o protagonismo: consideram a adaptação agroecológica e, nos usos culinários, o valor nutritivo e o sabor dos alimentos cultivados. Além disso, para estimular a produtividade, as mulheres realizam, constantemente, diversas experiências de adaptação de variadas espécies, optando por aquelas que apresentam um melhor desenvolvimento, em conformidade com as condições dos seus quintais.

Elas passam, pelo menos, duas horas do seu dia em contato direto com o quintal e, majoritariamente, administram as receitas obtidas com a comercialização



“ ... com o dinheiro que eu ganho com a horta eu controlo os gastos da casa...

Daiane, Poções-BA



Produção de ornamentais.

dos excedentes para satisfazer necessidades da família. A participação dos jovens ainda é tímida. Justificam-se com o tempo gasto nas atividades escolares e nem sempre afirmam que trabalham nos quintais, como se fosse um trabalho menor, que não lhes diz respeito. É fato que a escola quase nunca utiliza conteúdos que incentivem o envolvimento dos jovens nas atividades agropecuárias, não contextualizando o currículo escolar.

Por fim, analisamos a replicabilidade da experiência com os quintais agroecológicos. Historicamente, os agricultores familiares incorporaram tecnologias após uma avaliação do custo de implantação, da praticida-

de do manejo, da simplicidade do sistema como um todo e da sua identificação com a sua cultura. Quintais representam espaços engendrados na memória das famílias como locais de acolhimento, alegria, prosa, reunião da família, solidariedade na troca de material genético entre vizinhos, de contato com a natureza e de descanso. O projeto acrescentou a esses fatores a utilização dos princípios agroecológicos e da convivência com o Semiárido, adotados pelo Gente de Valor. O resultado é um sistema que permite a produção de alimentos saudáveis, a partir de processos produtivos coerentes com os recursos naturais disponíveis, colocando os produtos dos quintais em vantagem, em relação aos convencionais.

“ O meu menino me ajuda a vender, vai na moto comigo...  
Marlene, Mirante-BA ”



Produção de frutos do coentro.



Tratos culturais nos canteiros.





Troca de mudas entre vizinhas.



Cisternas de produção de 5 m<sup>3</sup>.

### Destaques para as próximas estações

A manutenção da tecnologia dos canteiros econômicos, tal como o assessoramento técnico contínuo e o acompanhamento sistemático são os aspectos que merecem destaque. Alicerçaram-se em paradigma e metodologia de capacitações e decodificação dos temas geradores, na organização dos agricultores em grupos de interesse – bem como das comunidades –, compondo um território rural e trabalhando conforme o enfoque agroecológico.

Entretanto deve ser considerado que a replicabilidade de ações de programas de desenvolvimento para um público que se encontra abaixo da linha da pobreza requeira, quase sempre, aportes de serviços e de políticas públicas, através de investimentos em atividades finalísticas, acompanhadas de um serviço contínuo e qualificado de assessoramento técnico.

Esse assessoramento deve priorizar a experimentação local com o companheirismo entre plantas, a partir do subsistema quintal, porquanto a agroecologia pode contribuir na busca do equilíbrio do agroecossistema em cada quintal, a unidade produtiva familiar.

O fundamental é que os processos de fomento do conhecimento do agroecossistema da unidade de produção familiar sejam estabelecidos a partir do saber local, fazendo uso de metodologias simples como as rodas de aprendizagem, envolvendo as famílias de cada território rural.

#### **Carlos Henrique de Souza Ramos**

Engenheiro agrônomo, especializado em Desenvolvimento Sustentável e em Gestão Ambiental.  
Subcoordenador de Desenvolvimento Produtivo e de Mercados.  
Técnico em Desenvolvimento - CAR.

**Contato:** [carlosramos@car.ba.gov.br](mailto:carlosramos@car.ba.gov.br)

# Quem diria?

*O umbu transformando vidas no Semiárido baiano*

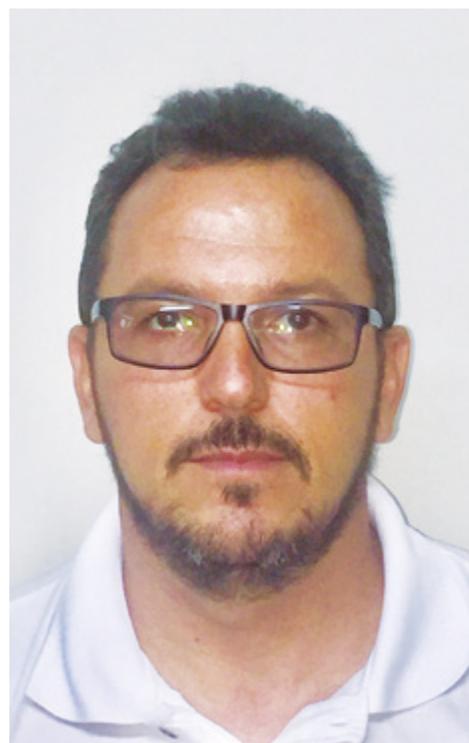
por Egnaldo Gomes Xavier

*"Umbuzeiro é a árvore sagrada do Sertão. Sócio fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja." (Euclides da Cunha em "Os Sertões")*

**O trabalho coletivo provou ser a maneira mais indicada de resolver os problemas da produção e foi fundamental para a comercialização e venda dos frutos e dos produtos industrializados. O sucesso do trabalho, contudo, dependeu do cultivo do respeito e do entendimento entre os técnicos e os agricultores que buscaram, juntos, soluções para problemas individuais e coletivos.**

A Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia (COOPROAF) tem contribuído significativamente para a melhoria da qualidade de vida de centenas de agricultores familiares, principalmente de mulheres e jovens extrativistas de umbu<sup>1</sup>, em dois importantes Territórios de Identidade<sup>2</sup> da região.

O trabalho desses indivíduos adquiriu visibilidade no momento em que a cooperativa estabeleceu parceria



com o Governo da Bahia, através da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e da cooperação com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), para a execução do Projeto Gente de Valor.

No período de 2008 a 2017, o PGV estruturou um conjunto de estratégias para o sistema produtivo do umbu, através de assistência técnica especializada e contínua no campo e da implantação de três agroindústrias de processamento de frutas para o beneficiamento e a agregação de valor dos seus produtos derivados, como doces, geleias, compotas, sucos e polpas.

Além de apresentar os resultados alcançados, este artigo visa compreender os mecanismos da gestão organizacional da COOPROAF, como também as relações conflituosas na organização e o gerenciamento da produção e comercialização. Finalmente, visa tirar lições para futuros investimentos em organizações, em situações semelhantes.

<sup>1</sup> Fruto da *spondias tuberosa*, família das anacardiáceas

<sup>2</sup> "Com o objetivo de identificar prioridades temáticas, definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar." In: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>





Espécie endêmica do Brasil, *Spondias tuberosa* Arruda, cujo nome popular é umbu, da família botânica *Anacardiaceae*.

## Superando as fragilidades do sistema de produção e comercialização

Os Territórios de Identidade de Vitória da Conquista (24 municípios) e do Médio Rio de Contas (16 municípios) constituem a área de atuação da Cooperativa. Neles, as cidades de Vitória da Conquista e Jequié – cortadas pela BR-116<sup>3</sup> – são os principais polos de desenvolvimento regional e tornaram-se os pontos de convergência de serviços e comércio, assim como de escoamento da produção das atividades desenvolvidas pela Cooperativa. O grande potencial para a comercialização cresceu, em particular, devido a políticas públicas, visando extinguir a fome e o analfabetismo. O trabalho que aqui se discute ocorreu em uma das maiores regiões produtoras de umbu da Bahia: Manoel Vitorino e Mirante, nos Subterritórios<sup>4</sup> de Nova Esperança (comunidades de Poço da Pedra e Barra da Purificação); e Quatro Forças Unidas (comunidades de Espírito Santo, Grama, Lagoa do Mirante e Salinas). Essa demarcação se deu a partir de um Diagnóstico Rural Participativo, elemento do Projeto Gente de Valor. O levantamento incluiu a caracterização dos recursos naturais, do quadro agrário e das fragilidades dos sistemas de produção.

O estímulo em investir no umbu se deu em 2006, devido aos resultados de uma pesquisa realizada pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), superando a indiferença dos gestores públicos dos municípios de atuação da Cooperativa. Nasceu ali uma parceria entre o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) e a Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC), pioneiros em trabalho de beneficiamento do umbu.

No ano 2008, foi formalizada a COOPROAF, em uma articulação do Instituto Regional com o Instituto de Formação São Francisco de Assis (ISFA), a Secretaria de Agricultura do Estado e associações de pequenos agricultores familiares do município de Manoel Vitorino. Eram, então, 24 cooperados, dos quais 23 mulheres. Nesse período, o Programa Gente de Valor desenvolveu um plano de ações integradas de natureza socioeducativa e voltado para o desenvolvimento sustentável do sistema produtivo do umbu. Promoveu oficinas,



**...O Projeto Gente de Valor ajudou as pessoas a terem um maior entendimento da importância do umbu na geração de renda. Valorizou mais a cultura do umbuzeiro, motivou dezenas de famílias para o aproveitamento e a sua transformação em derivados, dando mais perspectivas para as famílias realizarem os seus sonhos...**

Marilda, presidente da COOPROAF



cursos e intercâmbios, deu formação aos grupos de interesse do umbu e inseriu uma assessoria técnica especializada permanente.

O Festival do Umbu deflagrou o processo de visibilidade da Cooperativa, a qual também passou a participar de feiras e eventos para a promoção dos produtos da agricultura familiar. Em 2011, a Cooperativa saiu da fase artesanal, com a implantação de três agroindústrias, em um investimento de mais de R\$ 3.000.000,00. Em 2017, a Cooperativa contava com 75 cooperados, sendo mais de 70% mulheres, gerando oportunidade de trabalho e renda para centenas de famílias, sobretudo para mulheres e jovens da Região Sudoeste da Bahia.

O processo da industrialização assegurou um maior aproveitamento do umbu, diversificou a sua produção

<sup>3</sup> Artéria rodoviária que liga o Brasil do Nordeste ao Sul.

<sup>4</sup> Subterritório significa um conjunto de comunidades para a implantação de um projeto; essas comunidades apresentam semelhanças socioculturais e ambientais.

e possibilitou o acesso ao mercado – sobretudo o institucional, disponibilizando os seus derivados (doces, geleias, compotas, sucos e polpas) o ano inteiro.

### Entendendo a importância do umbu

O Programa Gente de Valor contribuiu significativamente com a transformação da Região Sudoeste da Bahia, devido ao aproveitamento do umbu, tendo na construção das agroindústrias o seu diferencial produtivo. São fábricas dotadas de equipamentos modernos com a capacidade de processamento de mais de 300 toneladas de frutas/ano. Esse investimento foi fundamental para melhorar as condições de trabalho, com maior eficiência nos processos de fabricação dos produtos.

O uso de uma estratégia inovadora para o processo organizativo, produtivo e de comercialização do umbu teve papel preponderante na viabilidade da Cooperativa. Quebrou, assim, paradigmas, em uma região onde a maior parte da produção era consumida *in natura*, com baixo valor agregado e mais de 30% da comercialização passando por atravessadoras, antes de atingir feiras livres ou a indústria de polpa.



Processo de formulação do preparo líquido para refresco, nos tanques de pasteurização da COOPROAF.

Os resultados alcançados são frutos de um esforço coletivo dos cooperados e das inúmeras parcerias técnicas e financeiras, estabelecidas ao longo da história, na nobre missão de valorizar o umbu e as pessoas da região. Enquanto a Cooperativa, inicialmente, beneficiava 24 sócios, passou, em 2017, para 75 membros, dos quais 51 mulheres e 24 homens, favorecendo mais de quinhentas famílias. O crescimento do capital social da Cooperativa contribui, significativamente, para o aumento do seu faturamento anual, devido à ampliação das vendas de produtos comercializados nos mercados institucionais e varejistas.



Processo de lavagem das frutas no tanque de recepção, na COOPROAF.

Para a Cooperativa, a sustentabilidade vai além das dimensões econômicas da produção: ela considera fundamentais os aspectos ambientais, sociais e culturais do cotidiano das famílias. A parceria com o ISFA, por meio de outro projeto, o Umbu da Gente, ainda contribuiu para a sustentabilidade das agroindústrias, como forma de garantir matéria-prima e preservação ambiental, com o cultivo de mais de 20.000 mudas nas propriedades dos agricultores envolvidos no trabalho. Com o apoio dos parceiros, conseguiu dar visibilidade ao seu trabalho, assim como aos seus produtos, a partir da criação da identidade visual da sua marca e da apresentação dos seus materiais de divulgação.



Visita das cooperadas à loja da COOPROAF, na BR-116.

Até a implantação do Projeto Gente de Valor, a maioria dos cooperados era de origem urbana. Vivendo basicamente de programas sociais, eles apresentavam um perfil socioeconômico diferente dos agricultores dos subterritórios.

Respaldados pela articulação do Projeto Gente de Valor, os Grupos de Interesse dos subterritórios foram integrados à Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia. Em 2012, ocorreu a junção dos diferentes grupos. Inicialmente, reinou a colaboração com a COOPROAF. No entanto, o confronto de ideias gerou problemas nas relações interpessoais que chegaram a interferir na produção e comercialização. Finalmente, em um trabalho de construção coletiva, os grupos de produção das agroindústrias perceberam a importância da integração com a cooperativa. Expressaram, entretanto, a necessidade de clareza e transparência nas operações e nas tomadas de decisões, principalmente na gestão administrativa e comercial.

Como forma de atender a essas legítimas reivindicações, a equipe do Projeto Gente de Valor delineou com a Cooperativa estratégias que contemplassem as necessidades das partes envolvidas (cidade e campo). Reuniões itinerantes nos subterritórios asseguraram o estreitamento das relações sociais e administrativas entre os grupos envolvidos.

O sucesso da industrialização do umbu possibilitou o acesso ao mercado, sobretudo o mercado institucional. Tanto o Programa de Aquisição de Alimentos<sup>5</sup> quanto o Programa Nacional de Alimentação Escolar<sup>6</sup> foram determinantes para viabilizar a produção da agricultura familiar, através das próprias cooperativas. Unidos, alavancaram a produção industrial, enfocada na alimentação escolar dos municípios vizinhos.

Hoje, a Cooperativa vive um momento especial da sua história, firmando compromissos admiráveis com o seu quadro social e parceiros, a partir das lições aprendidas com desafios e conquistas. Na sua trajetória, conseguiu avanços importantes, sobretudo a formação e articulação de centenas de agricultores familiares, em torno do beneficiamento e da comercialização de derivados de umbu. Contribui, assim, com transformações socioeconômicas importantes no Semiárido baiano.

### Lições dessa inovação coletiva

O que nós, da CAR, aprendemos nesses anos de experiência é que o processo de formação dos agricultores familiares precisa ser contínuo, pois a gestão de processos agroindustriais é complexa e exige conhecimentos específicos do setor. As capacitações sobre o manejo do umbuzeiro tiveram um efeito positivo e transformador, na convivência com o meio ambiente, e despertaram no grupo a curiosidade de como aumentar a produção e o aproveitamento do umbu, de forma sustentável. Outra consequência da capacitação foi o fortalecimento do companheirismo, da satisfação e da autoconfiança dos participantes.

O trabalho coletivo provou ser a maneira mais indicada de resolver os problemas da produção e foi fundamental para a comercialização e venda dos frutos e dos produtos industrializados. O sucesso do trabalho, contudo, dependeu do cultivo do respeito e do entendimento entre os técnicos e os agricultores que buscaram, juntos, soluções para problemas individuais e coletivos.

A quantidade de umbu existente na região contribuiu para ampliar a renda familiar de forma sustentável, graças aos agricultores do Grupo de Interesse do umbu, que estimularam outros agricultores a usarem em suas propriedades e organizações boas práticas de manejo e aproveitamento.

Aprendemos com essa capitalização, acima de tudo, que visão e eficiência foram necessárias para con-

<sup>5</sup> O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é um programa do Governo Federal, gerenciado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), que compra os produtos da agricultura familiar e os distribui para famílias e instituições de baixa renda ou de caráter social (escolas, creches, associações, entidades filantrópicas etc.).

<sup>6</sup> O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é um programa instituído por lei, em 2009, que assegura a compra de 30% dos produtos da agricultura familiar para atender às demandas da alimentação escolar dos municípios e dos Estados brasileiros.



Trabalho das mulheres no preparo do líquido para refresco.

solidar os processos produtivos, comerciais e gerenciais da Cooperativa. Outro fator indispensável foi um capital de giro garantido para financiar a produção, o estoque e a comercialização, modo de garantir a capacidade de crescimento e a viabilização econômica dos empreendimentos.

### Reflexão depois de quebrados os paradigmas

O Projeto Gente de Valor desenvolveu um conjunto de ações integradas, nas quais a Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia provou ser elo estratégico e inovador no fortalecimento do sistema produtivo do umbu na região. Acima disso, a metodologia utilizada pelo projeto permitiu que as pessoas envolvidas incorporassem um novo jeito de viver coletivamente, alcançando resultados expressivos no desenvolvimento da região. Investir simultaneamente nas dimensões socioculturais, ambientais e econômicas fez toda a diferença.

“...A gente acredita que vai resolver o problema de fornecimento de frutas com a qualidade que precisamos e, assim, garantir um maior estoque de produtos, aumentando as possibilidades de mercado, através de um trabalho bem articulado. Por causa desse processo de integração, a gente acredita que o trabalho terá mais eficiência e maior transparência nas relações.

João, membro da Cooperativa

A sua crescente importância e a visibilidade alcançada na região e em outros centros impõem grande responsabilidade à COOPROAF, no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida dos seus cooperados e ao fortalecimento da agricultura familiar na região. Sobretudo a gestão profissional dos processos administrativos e comerciais e também a formação dos envolvidos no processo constituem desafios impostos pela complexidade da intervenção; em particular, com as grandes mudanças políticas acontecendo hoje no país, que poderiam vir a comprometer a sustentabilidade da Cooperativa.

Apesar das incertezas na conjuntura e das limitações da Cooperativa em si, o beneficiamento do umbu vem se consolidando como uma das principais al-

ternativas para a geração de trabalho e renda, principalmente para mulheres e jovens dos municípios de Manoel Vitorino e Mirante. Requer, entretanto, o apoio constante dos parceiros para consolidar as suas ações e viabilizar a sua missão.

Em meio aos desafios, a COOPROAF vem desempenhando um papel fundamental na estruturação da cadeia produtiva do umbu, em consonância com as políticas territoriais, bem como a sua inserção nas redes de cooperativas, na região e em todo o Estado da Bahia.

Julgamos, portanto, ser essa experiência passível de ser replicada em outras instâncias cooperativistas da agricultura familiar e com outros produtos regionais, ainda carentes de uma cadeia de valor desenvolvida.



**Egnaldo Gomes Xavier**

Licenciado em Biologia, especializado em Gestão Ambiental pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Salvador – BA.

Técnico em Desenvolvimento Agroindustrial no Pró-Semiárido – SDR/CAR.

Contato: [egnaldoxavier@car.ba.gov.br](mailto:egnaldoxavier@car.ba.gov.br)

Mulheres fazendo o processo de higienização do umbu, no subterritório 4 Forças, município de Mirante.

# Personagens de valor

*Jovens Agentes de Desenvolvimento rompem com práticas antigas*

por Samuel Lyra e Carla Silva Pereira

*A mobilização, efetuada pelos (as) jovens Agentes de Desenvolvimento, resultou em uma série de reuniões, assembleias, capacitações, cursos, encontros, seminários e intercâmbios que muito contribuíram para o desenvolvimento comunitário e para a ampliação do capital humano e social, base indispensável para o sucesso do projeto. Aquilo era só o começo... Esta é uma viagem no tempo às comunidades beneficiadas, quatro anos depois.*

O presente artigo tem como objetivo analisar a experiência dos jovens Agentes de Desenvolvimento Subterritorial<sup>1</sup> (ADS) e o impacto que eles tiveram nas comunidades onde atuaram, bem como conhecer os efeitos gerados em suas vidas, após o término do Projeto Gente de Valor. Pretende ainda promover a reflexão sobre esse aprendizado e a sua aplicabilidade em outras localidades, tendo por base a opinião desses jovens, envolvidos diretamente.

## A chave para alavancar o desenvolvimento local

O Projeto Gente de Valor, fruto de um empréstimo de cooperação entre o FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola) e o Governo do Estado da Bahia – Brasil, teve duração de 2006 a 2012. Este debruçou-se sobre a realidade de 282 comunidades, em 34 municípios no Semiárido da Bahia, com baixo



Índice de Desenvolvimento Humano e pouca oferta de emprego, principalmente para a juventude camponesa.

Sendo a inclusão de jovens, homens e mulheres um dos temas transversais do projeto, criou-se a função do jovem Agente de Desenvolvimento Subterritorial, focada na juventude. Esses 104 jovens, moradores (as) das comunidades envolvidas no projeto, foram a ponte entre a comunidade e o projeto, atuando como agentes mobilizadores comunitários e parceiros fundamentais para os/as assistentes técnicos e os/as assessores, na execução do projeto.

## Gerando desafios

*"A mobilização das pessoas para a criação dos Comitês Comunitários, em cada comunidade, e do Conselho de Desenvolvimento Territorial, compostos por representantes das comunidades, foi um desafio", diz Willian, um dos ADS<sup>2</sup>. A mobilização das comunidades – primeira tarefa do Agente de Desenvolvimento Subterritorial – não foi fácil para os jovens. A mobilização,*

<sup>1</sup> Quatro jovens (homens e mulheres) são indicados em uma assembleia de comunidades e, dentre eles, um/a é selecionado/a pela diretoria da Associação Comunitária.  
<sup>2</sup> Nome e município de todos os presentes na avaliação do projeto, cinco anos depois de seu encerramento: Edjane Alencar Santos Silva, de Macururê; Stela Lima do Nascimento, de Jeremoabo; Adriano de Lima Souza, de Macururê; Fabiana de Jesus Santiago, Aldeia Kiriri, de Banzaê; Márcio José de Jesus Nascimento, de Ribeira do Amparo; Willian Ramos dos Santos, de Pedro Alexandre; Jackson Pereira Silva, de Abaré; Adenia Silva de Jesus Santana, de Antas; Valdenor Fernandes Moreira, de Cansanção; Jusaria Silva Oliveira Santana, de Glória; Guilherme Matos de Oliveira, de Quijingue.

*efetuada pelos/as agentes, resultou em uma série de reuniões, assembleias, capacitações, cursos, encontros, seminários e intercâmbios que muito contribuíram para o desenvolvimento comunitário e para a ampliação do capital humano e social, base indispensável para o sucesso do projeto<sup>3</sup>, apesar da pressão pessoal e da comunidade, que caracterizou o começo, como testemunha Márcio: "Logo de início, tive muita dificuldade de aceitação nas comunidades".*

## Unindo forças dos indivíduos

Segundo Stela, "a comunidade, antes, era muito desorganizada; para participar de uma reunião era muito complicado, não tinha ajuda, não. No conselho comunitário, os jovens não queriam participar de praticamente nada. A comunidade, hoje, tem uma associação muito organizada, com um grande número de sócios que participam para que as comunidades se tornem fortes".

"Eu era um jovem, nascido e criado no meio rural, que vivia, antes da ação do projeto, dos conhecimentos populares provindos dos meus pais e avós. Pensava somente em viver da lavoura, sem estímulo para explorar a aprendizagem; vivia muito tímido diante das pessoas. A partir das capacitações, informações e orientações, promovidas pelos/as técnicos/as do projeto, foi possível mudar a forma de vivência no Semiárido", recorda-se Jackson.

Os jovens agentes ajudaram as associações comunitárias, principalmente as diretorias, em seus processos administrativos e financeiros, no controle e na prestação de contas. Muitos se associaram, alguns concorreram para cargos na diretoria, vindo a participar efetivamente da vida das comunidades. Desde o seu desenho, o projeto definiu que investir na formação, de maneira sistemática, seria a chave para alavancar o desenvolvimento local e os processos de

geração de rendas. Para tal, ofereceu capacitações, oficinas, intercâmbios, seminários, encontros e o uso de tecnologias sociais, adaptadas à realidade do Semiárido.



Adriano Lima Souza, subterritório rural Carová, município de Macururé.

Por meio dessas ações, foi sendo construída uma intensa rede de relações socioculturais e também produtivas entre as comunidades que se constituíram como um microterritório, chamado no projeto de Subterritório<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Durante a vigência do projeto, foram capacitadas 55.827 pessoas.

<sup>4</sup> As comunidades do Projeto Gente de Valor formaram subterritórios: grupos compostos a partir dos critérios de proximidade, bases cultural, social e produtiva semelhantes, visando ao desenvolvimento de ações coletivas.

### O eco do impacto

Em que medida a decisão de escolha e contratação dos jovens Agentes de Desenvolvimento Subterritorial foi acertada? Consideramos para tal: (a) a situação das comunidades e das associações após o projeto, (b) a continuidade da atuação das entidades contratadas para a prestação do serviço de assistência técnica nas comunidades trabalhadas, no período de 2009 a 2013, e (c) a permanência desses jovens em suas comunidades<sup>5</sup>. Podemos afirmar que essa foi uma decisão estratégica bem-sucedida, pois o desenvolvimento comunitário segue, de forma autônoma.

Em uma Roda de Conversa<sup>6</sup>, jovens agentes e facilitadores da CAR realizaram uma análise retrospectiva das comunidades que abrangeu o período de 2013 a 2017, quatro anos após a saída do projeto. Constatamos que o trabalho dos ADS nas comunidades se encerrou contratualmente, porém as associações comunitárias e alguns ex-Agentes de Desenvolvimento Social continuam ativos.

Em alguns municípios, as associações comunitárias tornaram-se referência, dado o seu grau de organização e a sua capacidade de encontrar parcerias no município e na região. Hoje, nota-se que as comunidades trabalhadas pelo projeto atuam de forma coletiva. Nessa Roda de Conversa, contaram várias mudanças, tanto nas comunidades quanto nas associações. Houve um aumento da participação ativa nos trabalhos associativos, o que antes não ocorria, notadamente de mulheres em cargos diretos<sup>7</sup>.

“**...A comunidade, hoje, tem uma associação muito organizada, com um grande número de sócios que participam [...]**”

Stela Lima do Nascimento,  
de Jeremoabo



Stela Lima do Nascimento, comunidade Bananeirinha, município de Jeremoabo.

5 Dos 104 jovens ADS que atuaram no projeto, 72,2% continuam até hoje, envolvidos em atividades comunitárias.

6 Em outubro de 2017, ocorreu uma Roda de Conversa na cidade de Ribeira do Pombal, com 11 ex-Agentes de Desenvolvimento Subterritorial para analisar e avaliar a experiência vivida por eles/as.

7 Nas 104 Associações Comunitárias.



Jusaria Silva Oliveira Santana, subterritório rural Serião de Itaparica, município de Glória.

*“Tenho falado do projeto e da experiência vivida em vários encontros municipais e estaduais dos quais tenho participado, pois costumo afirmar que os mesmos têm sido o alicerce para o meu crescimento educacional, profissional e social. As ações do projeto foram fundamentais para o desenvolvimento social e econômico das famílias, já que buscaram, inicialmente, ouvir os anseios da população, para só então planejar, desenvolver e implementar ações concretas de sustentabilidade na vida no campo. Logo após o término do projeto, ingressei no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Paulo Afonso. Durante o meu percurso acadêmico, fui monitora, por dois períodos, da disciplina Educação do Campo, fiz estágio em uma Organização chamada Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza Desenvolvimento Humano e Agroecologia (Agendha). Mais tarde, fui contratada pela mesma como assistente de Pedagogia do Projeto Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER). Participei da construção do Projeto Político Pedagógico em Educação do Campo, na cidade de Glória, representando a mesma na Câmara de Juventude Territorial, como também da criação de alguns conselhos municipais de Juventude, em algumas cidades do referido território. Tenho participado, como organizadora, das conferências municipais e territoriais de Juventude e do ATER, assim como de feiras agroecológicas, na cidade de Paulo Afonso.”*

Jusaria Silva Oliveira Santana, município de Glória



Fabiana de Jesus Santiago, Aldeia Marcação, da etnia Kiriri, município de Banzaê.

O trabalho de gênero, realizado pelo projeto com o Povo Kiriri<sup>8</sup>, pôs ênfase no respeito de sua cultura e tradições. Quando das primeiras reuniões para definir o Plano de Desenvolvimento da Aldeia Marcação, as mulheres só faziam o uso da palavra com permissão do cacique. Foi um desafio, como diz Fabiana: “Na aldeia, as mulheres passaram a se envolver, cada vez mais, nas reuniões e em problemas, buscando soluções junto com os líderes”.

A metodologia participativa possibilitou processos de construção e tomada de decisões coletivas – só fazen-

do aumentar o impacto na vida das comunidades e das associações comunitárias desses jovens agentes. “Para mim, um dos pontos mais significativos foi o projeto permitir a participação das famílias das comunidades para que estas, coletivamente, apontassem as principais carências da região, destacando aquelas de maior importância para todos”, conforme lembrou Adenia.

A inclusão dos jovens, por meio da contratação para a função de agentes, se deu além do campo profissional, do fortalecimento das organizações locais, da convi-

---

8 Povo Kiriri: povo indígena, habitante do Sertão brasileiro. Eles se organizaram, conseguindo, nos anos 1990, a homologação e regularização das suas terras.

vência com o Semiárido e dos processos de geração de renda. Como relata o jovem Valdenor: “O que mais marcou no projeto foram as relações de gênero e associativismo. Eu venho de uma família muito machista, mas, com o projeto e as oficinas de relações de gênero, mudei totalmente a visão dos homens da comunidade, principalmente a minha. Hoje, eu varro a casa, passo o pano, lavo roupa, cozinho, ajudo a minha esposa em tudo e ela também em minhas atividades”.

Mas, apesar – ou por causa – de tantos resultados positivos, perguntamos se a contratação de jovens para atuar em projetos vinculados ao Estado ou financiados por agências internacionais poderia ser replicada. “Creio que um projeto como o Gente de Valor deve, sim, continuar esse trabalho com jovens. Assim como eu encontrei no projeto motivos para continuar na comunidade, ter uma formação técnica e me engajar nos movimentos sociais, pode ser que existam outros vários jovens precisando dessa força”. O depoimento e as avaliações de Guilherme coincidem com os dos outros ex-ADS.

A conclusão a que chegamos após as quatro rodas de conversa é que a contratação desses jovens, como estratégia de inclusão e fortalecimento organizacional, foi positiva. Hoje, após quatro anos de encerradas as atividades do projeto nas comunidades, o nível de envolvimento dos Agentes de Desenvolvimento continua. Essa estratégia, além de viável, é passível de ser replicada. Deve ser repetida em outras localidades, de acordo com cada realidade.

Para a replicação do sucesso, diversos aspectos exigem atenção especial. A participação efetiva dos beneficiários na elaboração de projetos de desenvolvimento comunitário, tal como a mobilização e a organização comunitária – principal ferramenta para a construção da cidadania –, deve constituir a base metodológica. É importante que uma discussão com as comunidades preceda sempre cortes de atividades e de orçamento já previstos.

A inclusão da juventude na dinâmica associativa e na vida das comunidades foi a chave do sucesso do aspecto gerencial dessa experiência. Projetos que tenham jovens contratados devem envolvê-los na consolidação do mesmo, inclusive após o seu término. Para tanto, recomendamos a elaboração de projetos

voltados para a agricultura agroecológica familiar, nos quais a inclusão da juventude seja tema transversal.

A chave é investir na organização local, nos sistemas produtivos existentes na comunidade, possibilitando a continuidade e a sustentabilidade; investir na assistência técnica apropriada para o Semiárido e no seu gerenciamento; e introduzir tecnologias sociais, adaptadas à convivência com o Semiárido.

“**Creio que um projeto como o Gente de Valor deve, sim, continuar com esse trabalho com jovens.**

Guilherme Matos de Oliveira,  
de Quijingue.



Guilherme Matos de Oliveira, Fazenda Caldeirãozinho, município de Quijingue.

Por que, afinal, investir nos processos formativos contínuos das associações e da juventude? Capacitações geram conhecimento e despertam o desejo de formação acadêmica. Quando voltadas para gênero, promovem a autonomia e a independência das mulheres. Investir na formação aumenta o comprometimento com o trabalho e melhora a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades. Revitaliza, literalmente, a alavanca para o desenvolvimento local. Finalizamos com a história de um dos tantos Jovens de Valor.

*"Eu, Valdenor Fernandes Moreira, morador da Fazenda Caixão - município de Cansanção, nasci em março de 1989, mas só concluí o Ensino Médio no ano de 2007. Em 2008, entrei na associação; logo, fui eleito como presidente e, em seguida, chegou o Projeto Gente de Valor. Em 2009, fui contratado como Agente de Desenvolvimento Subterritorial, busquei logo parcerias com órgãos governamentais e entidades não governamentais. Há dois anos, trabalho como agente de crédito na ASCOOB, Cooperativa de Crédito Rural de Sisal, do município de Monte Santo. Continuo morando na comunidade, acompanhando e dando apoio aos nossos grupos produtivos. Hoje, sou casado, tenho duas filhas e minha esposa faz parte desses grupos. Continuo atuando como Agente de Desenvolvimento e até muito mais. Porque hoje, na minha função, acompanho várias outras comunidades. Como agente de crédito, fazemos campanhas para as famílias tirarem documentação e para apoiar as associações, em reformulação estatutária e organizacional. Promovemos também intercâmbios para incentivar aquelas comunidades que ainda não despertaram. Então, para mim, atuar como ADS foi a coisa mais importante na minha vida. Eu sou muito grato ao Projeto Gente de Valor, tanto pelo meu crescimento pessoal como também pelo desenvolvimento da comunidade".*

Valdenor Fernandes Moreira,  
município de Cansanção



Valdenor Fernandes Moreira, Fazenda Caixão, município de Cansanção.



**Samuel de Souza Lyra**

Bacharel em Filosofia e advogado subcoordenador de Desenvolvimento do Capital Humano e Social.

Contato: [samuellyra@car.ba.gov.br](mailto:samuellyra@car.ba.gov.br)

**Carla Silva Ferreira**

Pedagoga, especialista em Políticas Públicas de Gênero, Raça e Etnia. Consultora e assessora de Monitoria & Avaliação do Pró-Semiárido.

Contato: [carlaferreira@car.ba.gov.br](mailto:carlaferreira@car.ba.gov.br)

## **EQUIPE PRÓ-SEMIÁRIDO**

**COORDENADOR**  
CESAR MAYNART

**SUBCOORDENADOR DE DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO E DE MERCADOS**  
CARLOS HENRIQUE RAMOS

**SUBCOORDENADOR DE CAPITAL HUMANO E SOCIAL**  
SAMUEL LYRA

**ASSESSORA DE GÊNERO**  
ELIZABETH SIQUEIRA

**ASSESSOR DE INFRAESTRUTURA**  
GERALDO BRITO

**ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO**  
EMÍLIA MAZZEI

**MONITORIA E AVALIAÇÃO**  
HEIDE OLIVEIRA  
CARLA FERREIRA  
CELSO CELES

**ASSESSORIA FINANCEIRA**  
SAMIRA AGUIAR  
RAIMUNDO SOUZA  
GEOMÁRIO REIS  
GRAZIELA MOTA  
VIVIAN PINHEIRO

**SECRETÁRIA**  
MARIA DO AMPARO

**GERENTE REGIONAL**  
ADEMILSON DA ROCHA SANTOS

**CHEFE DO ESCRITÓRIO DE JUAZEIRO/SETAF**  
SÉRGIO AMIN

**CHEFE DO ESCRITÓRIO DE SENHOR DO BONFIM/SETAF**  
CLEITON LIN

**CHEFE DO ESCRITÓRIO DE JACOBINA/SETAF**  
REJANE MAIA

### **SALVADOR**

AV. LUIZ VIANA FILHO, CONJUNTO SEPLAN, CAB. CEP: 41745-000. TELEFONE: (71) 3115-6762.

### **JACOBINA**

AV. ORLANDO OLIVEIRA PIRES, 800, CENTRO. CEP: 44.700-00. TELEFONE: (74) 3612-3059.

### **SENHOR DO BONFIM**

AV. DA AGRICULTURA, S/N - ANTIGO DERBA. CEP: 48970-000. TELEFONE: (74) 3541-7521.

### **JUAZEIRO**

RUA ENGENHEIRO VIANA, N° 7, CASA. BAIRRO: COUNTRY CLUB / CEP: 48902-325.  
TELEFONES: (74) 3612-0667 E 3611-3933.

CONTATOS  
[www.sdr.ba.gov.br](http://www.sdr.ba.gov.br)  
[www.car.ba.gov.br/prosemiarido](http://www.car.ba.gov.br/prosemiarido)



